

PECEP

pré-vestibular social

Métodos Argumentativos

O que é argumentar?
Existe uma ou mais maneiras de argumentar?
Existe uma estrutura na argumentação?




putinha da cardeal
@1pessoalouca



Férias do que mds



Brunna Gonçalves  @brunnagoncalves · 1d

Play nas férias em Miami. 





psicologaironica · 1 d · [Seguir](#)



carolin
@craolis

[Seguir](#)



foi se o tempo que eu ficava desconfortável
pra não pesar o clima agora baixa o macaco
louco em mim e se eu não tiver paz ninguém
terá

16:46 · 19/05/2024 · **115k** visualizações



Diferentona

@diferentonabr

Muito difícil a fase da vida que a mulher precisa escolher entre lavar o cabelo às 6 da manhã ou às 23 da noite

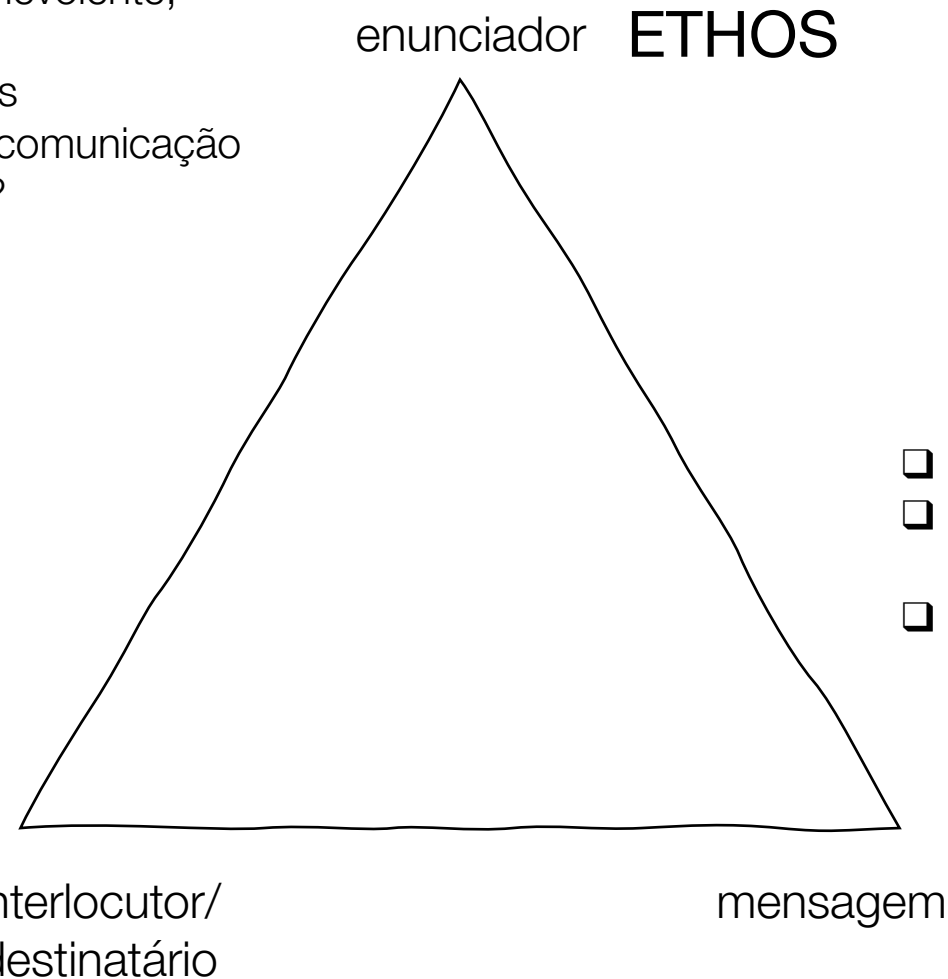




“... nada pode ser mais infalível do que o conhecimento científico, salvo a intuição...”
– Aristóteles – *Analíticos Posteriores* (Livro II-XIX 100b 12-13)

- ❑ como demonstro minha personalidade enquanto alguém moral, benevolente, sábio?
- ❑ como respondo às necessidades de comunicação daquela situação?

- ❑ como apelo para as emoções dos meus interlocutores?
- ❑ como faço meus interlocutores “comprarem” e se conectarem com a minha ideia?



- ❑ como formulo e crio um argumento?
- ❑ qual a melhor ordem para apresentá-los?
- ❑ qual a definição, qual a relação de causa e efeito, existem situações similares, quais os argumentos opostos...?

Raciocínios lógicos: dedução

geral → particular

Todo metal é bom condutor de eletricidade. (premissa: A é B)

O cobre é um metal. (premissa: C é A)

O cobre é bom condutor de eletricidade. (conclusão: logo, C → B)



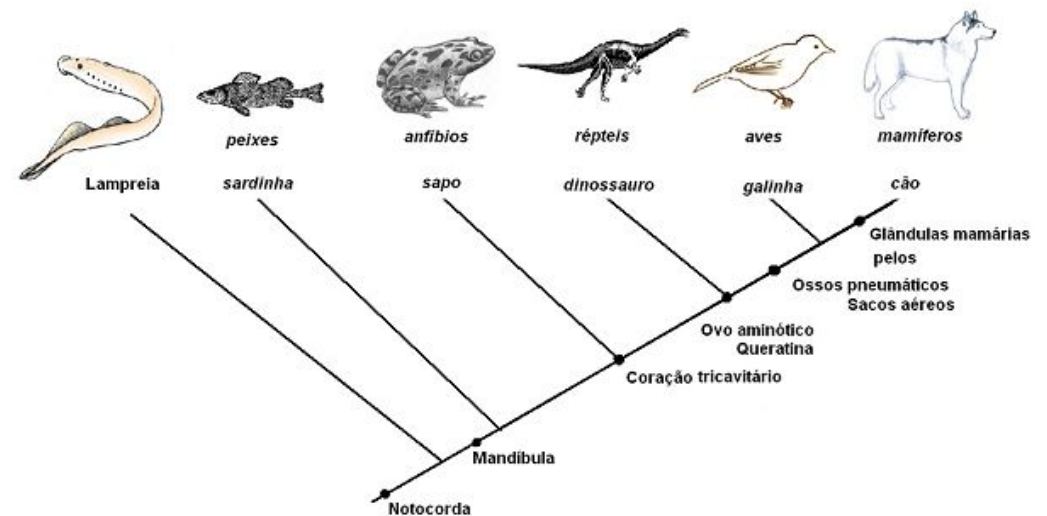
Raciocínios lógicos: dedução e silogismo

geral → particular

Todas as aves têm penas. (Suposta premissa maior)

As aves são animais. (Suposta premissa menor)

*Os animais têm penas. → Qual o problema aqui?



Raciocínios lógicos: dedução e silogismo

geral → particular

Na vida real: mais comum que uma das premissas esteja implícita, porque dificilmente se encontram premissas necessárias. Pelo contrário, nos negócios humanos, trabalha-se com o que é contingente, histórico, possível....

(UERJ)
SILOGISMO

Um salário mínimo pequeno é melhor para o país.

Um salário-mínimo maior do que o que vão dar desarrumaria as contas públicas, comprometeria o programa de estabilização do Governo, quebraria a Previdência, inviabilizaria o país (...) Quem prega um salário-mínimo maior o faz por demagogia, oportunismo político ou desinformação. Sérios, sensatos, adultos e responsáveis são os que defendem o reajuste possível, nas circunstâncias, mesmo reconhecendo que é pouco.

Com um salário mínimo pequeno não dá pra viver.

Como boa parte da população brasileira vive de um mínimo que não dá para viver e as circunstâncias que o impedem de ser maior não vão mudar tão cedo, eis-nos num silogismo bárbaro: se o país só sobrevive com mais da metade da sua população condenada a uma subvida perpétua, estamos todos condenados a uma lógica do absurdo. Aqui o sério é temerário, o sensato é insensato, o adulto é irreal e o responsável é criminoso. A nossa estabilidade e o nosso prestígio com a comunidade financeira internacional se devem à tenacidade com que homens honrados e capazes, resistindo a apelos emocionais, mantêm uma política econômica solidamente fundeada na miséria alheia e uma admirável coerência baseada na fome dos outros. O país só é viável se metade da sua população não for (...)

Luiz Fernando Veríssimo

A miséria da população é melhor para o país.

Silogismo. *S.m.* Lóg. Dedução formal tal que, postas duas proposições, chamadas premissas, delas se tira uma terceira, nelas logicamente implicada, chamada conclusão.

(FERRERA, A. B. de Holanda, Novo Dicionário de Língua Portuguesa)

Questãozinha

UERJ 2º EXAME DE QUALIFICAÇÃO 2014 • QUESTÃO 14

Por que ler?

Certas coisas não basta anunciar, como uma verdade que deve ser aceita por si só. Precisamos dizer o porquê. Se queremos fazer os brasileiros lerem mais de um livro por ano, essa trágica média nacional, precisamos de fato conquistar o seu interesse.

Listo os três benefícios fundamentais que a leitura pode trazer.

- 5 O primeiro: ler nos faz mais felizes. É um caminho para o autoconhecimento, e o exercício constante de autoconhecimento é um caminho para a felicidade. A vida, também no plano individual, é mais intensa na busca. Os personagens de um livro de ficção, os fatos de um livro-reportagem, as ideias de um livro científico, interagem com os nossos sentimentos, ora refletindo-os, ora agredindo-os, e portanto servindo de parâmetro para sabermos quem somos, seja por identidade ou oposição.

- 10 O segundo benefício: ler nos torna amantes melhores. Treina nossa sensibilidade para o contato com o outro. Amores românticos, amores carnavais, amores perigosos, amores casuais, amores culpados, todos estão nos livros. A sensibilidade do leitor encontra seu caminho. E quanto mais o nosso imaginário estiver arejado pelas infinitas opções que as histórias escritas nos oferecem,
- 15 sejam elas factuais ou ficcionais, com mais delícia aproveitamos os bons momentos do amor, e com mais calma enfrentamos os maus.

- Por fim: ler nos torna cidadãos melhores. Os livros propiciam ao leitor um ponto de vista privilegiado, de onde observa conflitos de interesses. No processo, sua consciência é estimulada a se posicionar com equilíbrio. Tendem a ganhar forma, então, princípios de "honestidade",
- 20 "honra", "justiça" e "generosidade". Guiado por estes valores, o leitor pode enfim ultrapassar as fronteiras sociais, e ver a humanidade presente em todos os tipos, em todas as classes.

Teríamos menos escândalos de corrupção, se lêssemos mais; construiríamos uma sociedade menos injusta, se educássemos melhor os nossos espíritos; eu acredito nisso.

ler nos faz mais felizes. É um caminho para o autoconhecimento, e o exercício constante de autoconhecimento é um caminho para a felicidade. (l. 5-6)

Neste argumento, Rodrigo Lacerda formula uma premissa geral e uma premissa particular, para relacioná-las na conclusão.

Essa estrutura caracteriza o argumento

como:

- A) indutivo
- B) dialético
- C) dedutivo
- D) comparativo

GABARITO

A própria questão aponta que o autor formula de uma premissa geral (“ler nos faz mais felizes”) e uma premissa particular para relacioná-las na conclusão. Essa estrutura que vai do geral para o particular é a dedução, logo, a opção C é a correta, argumento dedutivo.

RESPOSTA CORRETA:

C) dedutivo

Raciocínios lógicos: indução e generalização

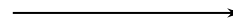
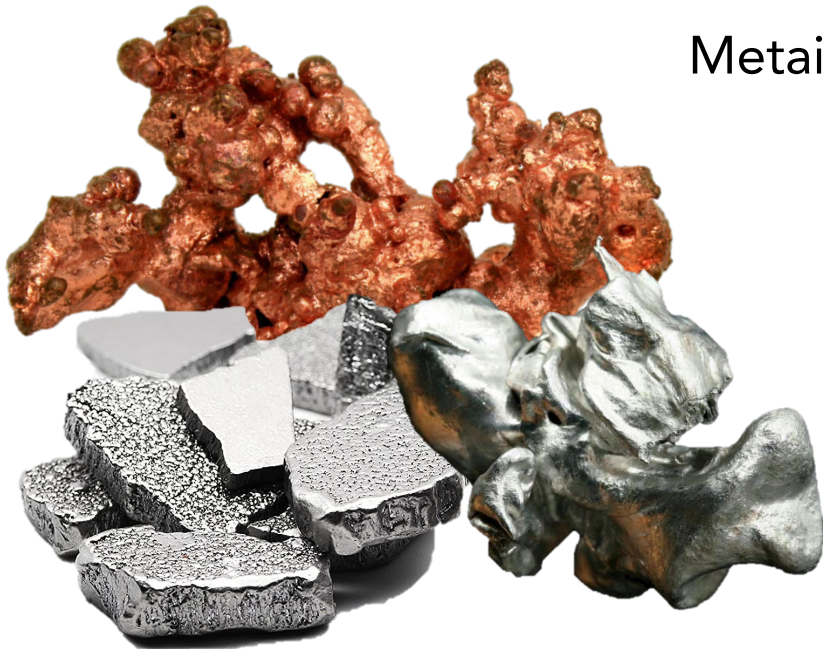
particular → geral

O cobre é um bom condutor. O cobre é um metal.

O ferro é um bom condutor e é um metal.

O alumínio é um bom condutor e é um metal.

Metais são bons condutores.



Questão

Nós, escravocratas

Há exatos cem anos, saía da vida para a história um dos maiores brasileiros de todos os tempos: o pernambucano Joaquim Nabuco. Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.

- 5 Apesar da vitória conquistada, Joaquim Nabuco reconhecia: "Acabar com a escravidão não basta. É preciso acabar com a obra da escravidão", como lembrou na semana passada Marcos Vinícios Vilaça, em solenidade na Academia Brasileira de Letras. Mas a obra da escravidão continua viva, sob a forma da exclusão social: pobres, especialmente negros, sem terra, sem emprego, sem casa, sem água, sem esgoto, muitos ainda sem comida; sobretudo sem acesso à educação de
- 10 qualidade.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra da escravidão se mantém e continuamos escravocratas.

Somos escravocratas ao deixarmos que a escola seja tão diferenciada, conforme a renda da família de uma criança, quanto eram diferenciadas as vidas na Casa Grande ou na Senzala.

- 15 Somos escravocratas porque, até hoje, não fizemos a distribuição do conhecimento: instrumento decisivo para a liberdade nos dias atuais. Somos escravocratas porque todos nós, que estudamos, escrevemos, lemos e obtemos empregos graças aos diplomas, beneficiamo-nos da exclusão dos que não estudaram. Como antes, os brasileiros livres se beneficiavam do trabalho dos escravos.

- 20 Somos escravocratas ao jogarmos, sobre os analfabetos, a culpa por não saberem ler, em vez de assumirmos nossa própria culpa pelas decisões tomadas ao longo de décadas. Privilegiamos investimentos econômicos no lugar de escolas e professores. Somos escravocratas, porque construímos universidades para nossos filhos, mas negamos a mesma chance aos jovens que foram deserdados do Ensino Médio completo com qualidade. Somos escravocratas de um novo tipo: a negação da educação é parte da obra deixada pelos séculos de escravidão.

- 25 A exclusão da educação substituiu o sequestro na África, o transporte até o Brasil, a prisão e o trabalho forçado. Somos escravocratas que não pagamos para ter escravos: nossa escravidão ficou mais barata, e o dinheiro para comprar os escravos pode ser usado em benefício dos novos escravocratas. Como na escravidão, o trabalho braçal fica reservado para os novos escravos: os sem educação.

30 Negamo-nos a eliminar a obra da escravidão.

Somos escravocratas porque ainda achamos naturais as novas formas de escravidão; e nossos intelectuais e economistas comemoram minúscula distribuição de renda, como antes os senhores se vangloriavam da melhoria na alimentação de seus escravos, nos anos de alta no preço do açúcar. Continuamos escravocratas, comemorando gestos parciais. Antes, com a proibição do

35 tráfico, a lei do ventre livre, a alforria dos sexagenários. Agora, com o bolsa família, o voto do analfabeto ou a aposentadoria rural. Medidas generosas, para inglês ver e sem a ousadia da abolição plena.

Somos escravocratas porque, como no século XIX, não percebemos a estupidez de não abolirmos a escravidão. Ficamos na mesquinhez dos nossos interesses imediatos negando fazer a revolução

40 educacional que poderia completar a quase-abolição de 1888. Não ousamos romper as amarras que envergonham e impedem nosso salto para uma sociedade civilizada, como, por 350 anos, a escravidão nos envergonhava e amarrava nosso avanço.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra criada pela escravidão continua, porque continuamos escravocratas. E, ao continuarmos escravocratas, não libertamos os escravos condenados à falta de educação.

CRISTOVAM BUARQUE

No desenvolvimento da argumentação, o autor enumera razões específicas, facilmente constatadas no cotidiano, para sustentar sua opinião, anunciada no título, de que todos nós seríamos ainda escravocratas.

Esse método argumentativo, que apresenta elementos específicos da experiência social cotidiana, para deles extrair uma conclusão geral, é conhecido como:

- A) indutivo
- B) dialético
- C) dedutivo
- D) comparativo

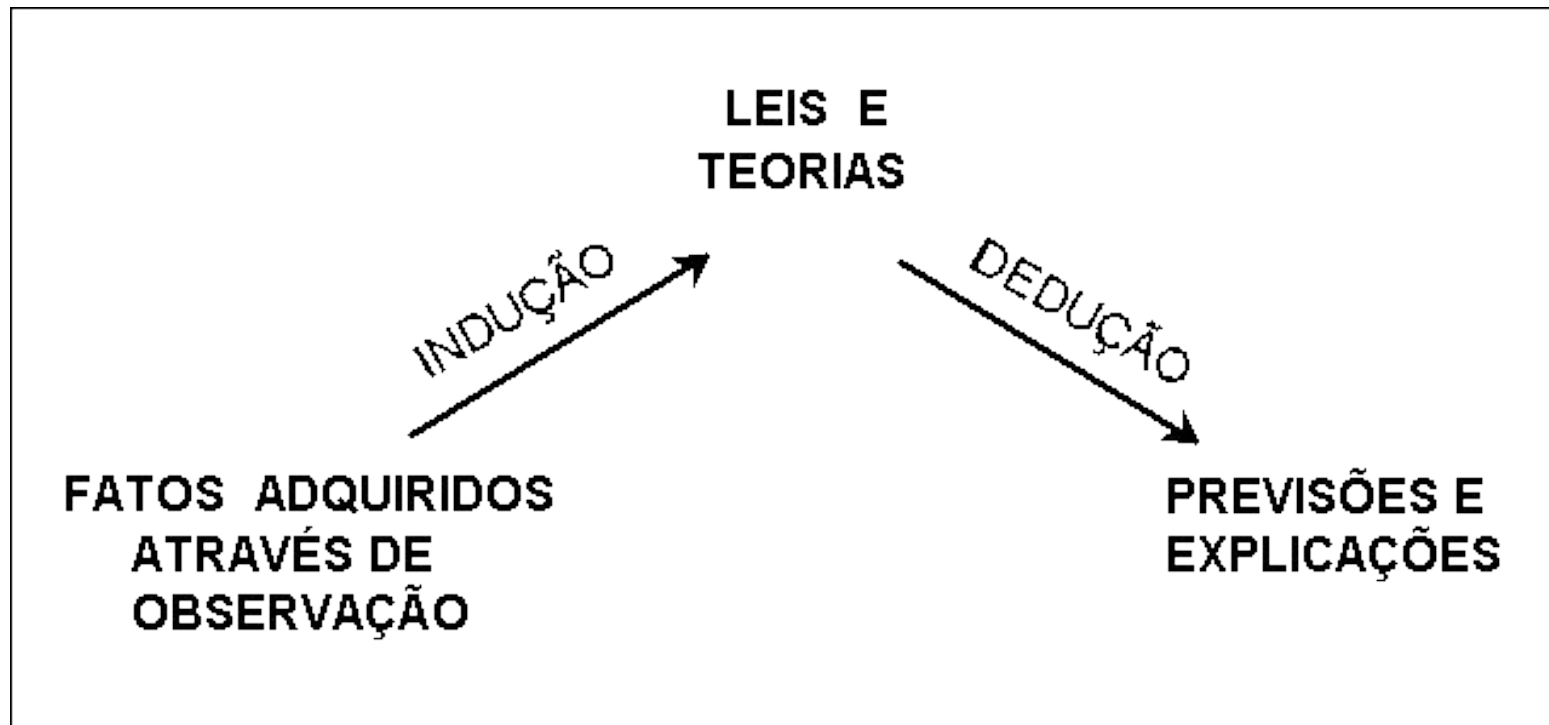
GABARITO

É característica do método indutivo argumentar partindo sempre do conhecido para o desconhecido, do particular para o geral, da observação dos fatos para chegar a uma reflexão e uma opinião sobre eles. Assim, apresentar elementos específicos da experiência social cotidiana, que é sempre particular, para deles obter uma conclusão, necessariamente generalizante, é um procedimento argumentativo do tipo indutivo.

RESPOSTA CORRETA:

D) indutivo

E então? Dedução e indução na vida real



Raciocínios lógicos: analogia

particular → particular

João curou sua dor de cabeça tomando aspirina.

Logo, Pedro vai curar sua dor de cabeça tomando aspirina.

Inferências semânticas: pressupostos

- Ele é político, mas é honesto.
- Até Maria veio à festa.

Inferências semânticas: pressupostos

“Ela é muito inteligente apesar de ser mulher”

(Mário Amato, presidente da FIESP, sobre ministra Dorothea Werneck em 1989)

“Jamais estupraria você porque você não merece”

(Jair Bolsonaro, à época deputado pelo PTB, à deputada Maria do Rosário, em 2014)

Questãozinha

A ARTE DE ENGANAR

Em seu livro *Pernas pro ar*, Eduardo Galeano recorda que, na era vitoriana, era proibido mencionar “calças” na presença de uma jovem. Hoje em dia, diz ele, não cai bem utilizar certas expressões perante a opinião pública: “O capitalismo exhibe o nome artístico de economia de mercado; imperialismo se chama globalização; suas vítimas se chamam países em via de desenvolvimento; 5 oportunismo se chama pragmatismo; despedir sem indenização nem explicação se chama flexibilização laboral” etc.

A lista é longa. Acrescento os inúmeros preconceitos que carregamos: ladrão é sonegador; lobista é consultor; fracasso é crise; especulação é derivativo; latifúndio é agronegócio; desmatamento é investimento rural; lavanderia de dinheiro escuso é paraíso fiscal; acumulação privada de riqueza 10 é democracia; socialização de bens é ditadura; governar a favor da maioria é populismo; tortura é constrangimento ilegal; invasão é intervenção; peste é pandemia; magricela é anoréxica.

Eufemismo é a arte de dizer uma coisa e acreditar que o público escuta ou lê outra. É um jeitinho de escamotear significados. De tentar encobrir verdades e realidades.

Posso admitir que pertenço à terceira idade, embora esteja na cara: sou velho. Ora, poderia dizer 15 que sou seminovo! Como carros em revendedoras de veículos. Todos velhos! Mas o adjetivo seminovo os torna mais vendáveis.

Coitadas das palavras! Elas são distorcidas para que a realidade, escamoteada, permaneça como está. Não conseguem, contudo, escapar da luta de classes: pobre é ladrão, rico é corrupto. Pobre é viciado, rico é dependente químico.

Em suma, eufemismo é um truque semântico para tentar amenizar os fatos.

Questão 12) No segundo parágrafo, o emprego de certa estrutura encaminha a reflexão do leitor para os disfarces que a linguagem permite.

Essa estrutura é caracterizada principalmente por:

- (A) modalização
- (B) pressuposição
- (C) exemplificação
- (D) particularização

Gabarito oficial: C

Inferências semânticas: subentendido



Inferências semânticas: subentendido



**Gente
também é
bicho.**
Preserve a
**criança
brasileira.**

A LBV espera que os direitos de habitar e de viver individualmente não sejam os únicos com os quais você se preocupa. As crianças e adultos também têm a sua sobrevivência ameaçada. E, por não terem o que comer, não estão morando, estão crianças presas em um ambiente como o da Legião da Boa Vista, onde, além de favelas, não há e cursos profissionais também, elas encontram amor e respeito. Infelizmente em áreas da LBV, que abrigam a mais de 150 mil crianças e adultos, não há acesso a serviços básicos de saúde, educação e trabalho. Para obter mais informações, ligue para 011: 212-3116 e saiba mais sobre qualquer questão. A infância humana também precisa ser preservada.

Legião da Boa Vista. Sua realidade não somos, o que está faltando é diálogo.

**LBV
RIO 92**

Ou seja: subentendidos x pressupostos

Pressupostos são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase.

Subentendidos são insinuações, não marcadas linguisticamente, contidas numa frase ou num conjunto de frases. O falante pode esconder-se atrás do sentido literal das palavras e negar que tenha dito o que o ouvinte depreendeu de suas palavras. O subentendido diz sem dizer; sugere, mas não diz.

O pressuposto é responsabilidade do falante/ autor/ enunciador.

O subentendido é responsabilidade do ouvinte/ leitor/ interlocutor.

TERRORISMO LÓGICO

O TERRORISMO É DUPLAMENTE OBSCURANTISTA: PRIMEIRO NO ATENTADO, DEPOIS NAS REAÇÕES QUE DESENCADEIA.

Said e Chérif Kouachi eram descendentes de imigrantes. Said e Chérif Kouachi são suspeitos do ataque ao jornal *Charlie Hebdo*, na França. Se não houvesse imigrantes na França, não teria havido ataque ao *Charlie Hebdo*.

Said e Chérif Kouachi, suspeitos do ataque ao jornal *Charlie Hebdo*, eram filhos de argelinos.

5 Zinedine Zidane é filho de argelinos. Zinedine Zidane é terrorista.

Zinedine Zidane é filho de argelinos. Said e Chérif Kouachi, suspeitos do ataque ao jornal *Charlie Hebdo*, eram filhos de argelinos. Said e Chérif Kouachi sabiam jogar futebol.

Muçulmanos são uma minoria na França. Membros de uma minoria são suspeitos do ataque terrorista. Olha aí no que dá defender minoria...

10 A esquerda francesa defende minorias. Membros de uma minoria são suspeitos pelo ataque terrorista. A esquerda francesa é culpada pelo ataque terrorista.

A extrema direita francesa demoniza os imigrantes. O ataque terrorista fortalece a extrema direita francesa. A extrema direita francesa está por trás do ataque terrorista.

15 Marine Le Pen é a líder da extrema direita francesa. "Le Pen" é "O Caneta", se tomarmos o artigo em francês e o substantivo em inglês. Eis aí uma demonstração de apoio da extrema direita francesa à liberdade de expressão – e aos erros de concordância nominal.

Numa democracia, é desejável que as pessoas sejam livres para se expressar. Algumas dessas expressões podem ofender indivíduos ou grupos. Numa democracia, é desejável que indivíduos ou grupos sejam ofendidos.

20 Os terroristas que atacaram o jornal *Charlie Hebdo* usavam gorros pretos. "Black blocs" usam gorros pretos. "Black blocs" são terroristas.

Todo abacate é verde. O Incrível Hulk é verde. O Incrível Hulk é um abacate.

QUESTÃO

13

O terrorismo é duplamente obscurantista: primeiro no atentado, depois nas reações que desencadeia.

O subtítulo do texto sugere uma explicação para o título.

Essa explicação é melhor compreendida pela associação entre:

- (A) tiros e opiniões
- (B) armas e negociações
- (C) convicções e mentiras

QUESTÃO

14

Antonio Prata, ao comentar o ataque ao jornal *Charlie Hebdo*, construiu uma série de variações do argumento típico do método dedutivo, conhecido como “silogismo” e normalmente organizado na forma de três sentenças em sequência.

A organização do silogismo sintetiza a estrutura do próprio método dedutivo, que se encontra melhor apresentada em:

- (A) premissa geral – premissa particular – conclusão
- (B) premissa particular – premissa geral – conclusão
- (C) premissa geral – segunda premissa geral – conclusão particular
- (D) premissa particular – segunda premissa particular – conclusão geral

Todo abacate é verde. O Incrível Hulk é verde. O Incrível Hulk é um abacate. (l. 22)

QUESTÃO

15

Este parágrafo indica como o leitor deve ler todos os anteriores.

Segundo essa indicação, os argumentos apresentados pelo cronista devem ser compreendidos como:

- (A) críticas irônicas
- (B) exercícios formais
- (C) raciocínios aceitáveis
- (D) recriações linguísticas

QUESTÃO

16

Todo argumento pode se tornar um sofisma: um raciocínio errado ou inadequado que nos leva a conclusões falsas ou im procedentes. O último parágrafo do texto é um exemplo de sofisma, considerando que, da constatação de que todo abacate é verde, não se pode deduzir que só os abacates têm cor verde.

Esse é o tipo de sofisma que adota o seguinte procedimento:

- (A) enumeração incorreta
- (B) generalização indevida
- (C) representação imprecisa
- (D) exemplificação inconsistente

13. A

14. A

15. A

16. B

QUESTÃO

10

O uso de palavras que se referem a termos já enunciados, sem que seja necessário repeti-los, faz parte dos processos de coesão da linguagem.

Na pergunta feita no segundo quadrinho, uma palavra empregada com esse objetivo é:

- (A) nós
- (B) aqui
- (C) nossa
- (D) porque

QUESTÃO

11

Todo o raciocínio da personagem pode ser expresso na fórmula dedutiva "se A, então B".

Para que essa fórmula esteja de acordo com o raciocínio da personagem, ela deve ser redigida da seguinte maneira:

- (A) Se escolhermos onde nascer, então amar a pátria não é uma obrigação.
- (B) Se não escolhermos onde nascer, então amar a pátria é uma conveniência.
- (C) Se a professora se zanga com perguntas, então eu não devo fazer uma redação só com perguntas.
- (D) Se a professora não se zanga com perguntas, então eu posso fazer uma redação só com perguntas.

Gabarito

09. C

10. B

11. B

Violência e psiquiatria

O tipo de violência que aqui considerarei pouco tem a ver com pessoas que utilizam martelos para golpear a cabeça de outras, nem se aproximará muito do que se supõe façam os doentes mentais. Se se quer falar de violência em psiquiatria, a violência que brada, que se proclama em tão alta voz que raramente é ouvida, é a sutil, tortuosa violência perpetrada pelos outros, pelos “sadios”,
5 contra os rotulados de “loucos”. Na medida em que a psiquiatria representa os interesses ou pretensos interesses dos sadios, podemos descobrir que, de fato, a violência em psiquiatria é sobretudo a violência da psiquiatria.

Quem são porém as pessoas sadias? Como se definem a si próprias? As definições de saúde mental propostas pelos especialistas ou estabelecem a necessidade do conformismo a um conjunto de
10 normas sociais arbitrariamente pressupostas, ou são tão convenientemente gerais – como, por exemplo, “a capacidade de tolerar conflitos” – que deixam de fazer sentido. Fica-se com a lamentável reflexão de que os sadios serão, talvez, todos aqueles que não seriam admitidos na enfermaria de observação psiquiátrica. Ou seja, eles se definem pela ausência de certa experiência.

Sabe-se, porém, que os nazistas asfixiaram com gás dezenas de milhares de doentes mentais,
15 assim como dezenas de milhares de outros tiveram seus cérebros mutilados ou danificados por sucessivas séries de choques elétricos: suas personalidades foram deformadas, de modo sistemático, pela institucionalização psiquiátrica. Como podem fatos tão concretos emergir na base de uma ausência, de uma negatividade – a compulsiva não loucura dos sadios? De fato, toda a área de definição de sanidade mental e loucura é tão confusa, e os que se arriscam
20 dentro dela são tão aterrorizados pela ideia do que possam encontrar, não só nos “outros” como também em si mesmos, que se deve considerar seriamente a renúncia ao projeto.

DAVID COOPER

Questão

16

David Cooper dirige uma crítica à psiquiatria quando esta define saúde como ausência de doença e, desse modo, acaba por não definir adequadamente a própria doença mental.

Essa forma de definição incorre em um sofisma conhecido como:

- (A) círculo vicioso
- (B) falsa autoridade
- (C) argumento contra a pessoa
- (D) confusão entre causa e efeito

Questão

17

O ensaio do médico David Cooper, publicado em 1967, e "O alienista", de 1882, questionam a psiquiatria com argumentos semelhantes, embora com tipos de textos distintos.

Esses textos possuem os seguintes traços que os distinguem, respectivamente:

- (A) descrição e teorização
- (B) argumentação e narração
- (C) ambiguidade e causalidade
- (D) particularização e generalização

Gabarito

16. A

17. B

Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. De fato, se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula. O segundo
5 seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade. E o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.

Este mundo globalizado, visto como fábula, constrói como verdade um certo número de fantasias. Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. A partir desse mito e do encurtamento das distâncias
10 – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. É como se o mundo houvesse se tornado, para todos, ao alcance da mão. Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. O mundo se torna menos unido, tornando também mais distante o sonho de uma cidadania de fato universal. Enquanto isso, o culto ao
15 consumo é estimulado.

Na verdade, para a maior parte da humanidade, a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades se instalam e velhas
20 doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal.

Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos acima. Mas essas
25 mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos.

MILTON SANTOS

Adaptado de *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

QUESTÃO

13

No primeiro parágrafo, o autor apresenta uma caracterização negativa do mundo atual, ao mesmo tempo que propõe um procedimento de análise desse contexto que permitiria superá-lo.

Esse procedimento de análise está explicado em:

- (A) contestação de práticas históricas que geram injustiças sociais
- (B) simulação de cenários futuros que possibilitem novas relações humanas
- (C) formulação de conceitos gerais que simplifiquem uma tese controversa
- (D) delimitação de aspectos distintos que compõem um problema complexo

QUESTÃO

16

Na verdade, para a maior parte da humanidade, a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. (l. 16-17)

No terceiro parágrafo, as frases posteriores ao trecho citado desenvolvem a argumentação do autor por meio da apresentação de:

- (A) hipóteses
- (B) evidências
- (C) digressões
- (D) discordâncias

Gabarito

13. D

16. B

A ARTE DE ENGANAR

Em seu livro *Pernas pro ar*, Eduardo Galeano recorda que, na era vitoriana, era proibido mencionar “calças” na presença de uma jovem. Hoje em dia, diz ele, não cai bem utilizar certas expressões perante a opinião pública: “O capitalismo exhibe o nome artístico de economia de mercado; imperialismo se chama globalização; suas vítimas se chamam países em via de desenvolvimento; oportunismo se chama pragmatismo; despedir sem indenização nem explicação se chama flexibilização laboral” etc.

- 5
- A lista é longa. Acrescento os inúmeros preconceitos que carregamos: ladrão é sonegador; lobista é consultor; fracasso é crise; especulação é derivativo; latifúndio é agronegócio; desmatamento é investimento rural; lavanderia de dinheiro escuso é paraíso fiscal; acumulação privada de riqueza
- 10
- é democracia; socialização de bens é ditadura; governar a favor da maioria é populismo; tortura é constrangimento ilegal; invasão é intervenção; peste é pandemia; magricela é anoréxica.

Eufemismo é a arte de dizer uma coisa e acreditar que o público escuta ou lê outra. É um jeitinho de escamotear significados. De tentar encobrir verdades e realidades.

- 15
- Posso admitir que pertenço à terceira idade, embora esteja na cara: sou velho. Ora, poderia dizer que sou seminovo! Como carros em revendedoras de veículos. Todos velhos! Mas o adjetivo seminovo os torna mais vendáveis.

Coitadas das palavras! Elas são distorcidas para que a realidade, escamoteada, permaneça como está. Não conseguem, contudo, escapar da luta de classes: pobre é ladrão, rico é corrupto. Pobre é viciado, rico é dependente químico.

Em suma, eufemismo é um truque semântico para tentar amenizar os fatos.

QUESTÃO

10

Frei Betto inicia seu texto com uma citação do escritor uruguaio Eduardo Galeano, recorrendo a recurso comum de argumentação.

Esse recurso constitui um argumento de:

- (A) comparação
- (B) causalidade
- (C) contestação
- (D) autoridade

QUESTÃO

12

No segundo parágrafo, o emprego de certa estrutura encaminha a reflexão do leitor para os disfarces que a linguagem permite.

Essa estrutura é caracterizada principalmente por:

- (A) modalização
- (B) pressuposição
- (C) exemplificação
- (D) particularização

Gabarito

10. D

12. C

A CIÊNCIA, O BEM E O MAL

Em 1818, com apenas 21 anos, Mary Shelley publicou o grande clássico da literatura gótica, *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*. O romance conta a história de um doutor genial e enlouquecido, que queria usar a ciência de ponta de sua época, a relação entre a eletricidade e a atividade muscular, para trazer mortos de volta à vida.

- 5 Duas décadas antes, Luigi Galvani havia demonstrado que a eletricidade produzia movimentos em músculos mortos, no caso em pernas de rãs. Se vida é movimento, e se eletricidade pode causá-lo, por que não juntar os dois e tentar a ressuscitação por meio da ciência e não da religião, transformando a implausibilidade do sobrenatural em um mero fato científico?

Todos sabem como termina a história, tragicamente. A “criatura” exige uma companheira de seu criador, espelhando Adão pedindo uma companheira a Deus. Horrorizado com sua própria criação, Victor Frankenstein recusou. Não queria iniciar uma raça de monstros, mais poderosos do que os humanos, que pudesse nos extinguir.

QUESTÃO

01

Em relação à polêmica abordada pelo autor, os três primeiros parágrafos atendem ao objetivo de:

- (A) indicar um eufemismo
- (B) estabelecer uma analogia
- (C) expor um contra-argumento
- (D) apresentar uma generalização

O romance examina a questão dos limites éticos da ciência: será que pesquisadores podem ter liberdade total? Ou será que existem certos temas que são tabu, que devem ser bloqueados, limitando as pesquisas dos cientistas? Em caso afirmativo, que limites são esses? Quem os determina?

Essas são questões centrais da relação entre a ética e a ciência. Existem inúmeras complicações: como definir quais assuntos não devem ser alvo de pesquisa? Em relação à velhice, será que devemos tratá-la como doença? Se sim, e se conseguíssemos uma “cura” ou, ao menos, um prolongamento substancial da longevidade, quem teria direito a tal? Se a “cura” fosse cara, apenas uma pequena fração da sociedade teria acesso a ela. Nesse caso, criaríamos uma divisão artificial, na qual os que pudessem viveriam mais. E como lidar com a perda? Se uns vivem mais que outros, os que vivem mais veriam seus amigos e familiares perecerem. Será que isso é uma melhoria na qualidade de vida? Talvez, mas só se fosse igualmente distribuída pela população, e não por apenas parte dela.

QUESTÃO
05

O conjunto de perguntas formuladas ao longo do texto por Marcelo Gleiser produz o seguinte efeito de sentido:

- (A) levantar objeções políticas
- (B) reforçar convicções morais
- (C) debater hipóteses religiosas
- (D) ilustrar raciocínios investigativos

Gabarito

1. B

5. D

Há alguns meses fui convidado a visitar o Museu da Ciência de La Coruña, na Galícia. Ao final da visita, o curador¹ anunciou que tinha uma surpresa para mim e me conduziu ao planetário². Um planetário sempre é um lugar sugestivo, porque, quando se apagam as luzes, temos a impressão de estar num deserto sob um céu estrelado. Mas naquela noite algo especial me aguardava.

- 5 De repente a sala ficou inteiramente às escuras, e ouvi um lindo acalanto de Manuel de Falla. Lentamente (embora um pouco mais depressa do que na realidade, já que a apresentação durou ao todo quinze minutos) o céu sobre minha cabeça se pôs a rodar. Era o céu que aparecera sobre minha cidade natal – Alessandria, na Itália – na noite de 5 para 6 de janeiro de 1932, quando nasci. Quase hiper-realisticamente vivenciei a primeira noite de minha vida.
- 10 Vivenciei-a pela primeira vez, pois não tinha visto essa primeira noite. Provavelmente nem minha mãe a viu, exausta como estava depois de me dar à luz; mas talvez meu pai a tenha visto, ao sair para o terraço, um pouco agitado com o fato maravilhoso (pelo menos para ele) que testemunhara e ajudara a produzir.

- O planetário usava um artifício mecânico que se pode encontrar em muitos lugares. Outras
- 15 pessoas talvez tenham passado por uma experiência semelhante. Mas vocês não de me perdoar se durante aqueles quinze minutos tive a impressão de ser o único homem desde o início dos tempos que havia tido o privilégio de se encontrar com seu próprio começo. Eu estava tão feliz que tive a sensação – quase o desejo – de que podia, deveria morrer naquele exato momento e que qualquer outro momento teria sido inadequado. Teria morrido alegremente, pois vivera a
- 20 mais bela história que li em toda a minha vida.

Talvez eu tivesse encontrado a história que todos nós procuramos nas páginas dos livros e nas telas dos cinemas: uma história na qual as estrelas e eu éramos os protagonistas. Era ficção porque a história fora reinventada pelo curador; era História porque recontava o que acontecera no cosmos num momento do passado; era vida real porque eu era real e não uma personagem de romance.

UMBERTO ECO

Adaptado de *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

¹ curador – responsável pelo museu

² planetário – local onde é possível reproduzir o movimento dos astros

QUESTÃO

11

Talvez eu tivesse encontrado a história que todos nós procuramos nas páginas dos livros e nas telas dos cinemas: uma história na qual as estrelas e eu éramos os protagonistas. (l. 21-22)

Na frase acima, o autor procura delimitar um sentido para a palavra **história** por meio dos trechos destacados.

Esses trechos apresentam uma formulação do seguinte tipo:

- (A) exemplificação
- (B) particularização
- (C) modalização
- (D) dedução

QUESTÃO

12

No último parágrafo, ao descrever a experiência vivida no planetário, o autor identifica três efeitos: de ficção, de História e de realidade.

De acordo com a exposição do autor, a interação entre esses três efeitos pode ser descrita como uma relação de:

- (A) anulação
- (B) condição
- (C) contradição
- (D) superposição

Gabarito

11. B

12. D

DICIONÁRIO FEITO POR CRIANÇAS REVELA UM MUNDO QUE OS ADULTOS NÃO ENXERGAM MAIS

Em abril, aconteceu a Feira do Livro de Bogotá, e um dos maiores sucessos foi um livro chamado *Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças*. Nele, há um dicionário com mais de 500 definições para 133 palavras, de A a Z, feitas por crianças.

- O curioso deste "dicionário infantil" é como as crianças definem o mundo através daquilo que os adultos já não conseguem perceber. O autor do livro é o professor Javier Naranjo, que compilou informações ao longo de dez anos durante as aulas. Ele conta que a ideia surgiu quando ele pediu aos seus alunos para definirem a palavra "criança", e uma das respostas que lhe chamou atenção foi: "uma criança é um amigo que tem o cabelo curtinho, não toma rum e vai dormir cedo".
- 5
- 10
- 15
- 20
- *Adulto*: pessoa que, em toda coisa que fala, fala primeiro dela mesma. (Andrés, 8 anos)
 - *Água*: transparência que se pode tomar. (Tatiana, 7 anos)
 - *Branco*: o branco é uma cor que não pinta. (Jonathan, 11 anos)
 - *Camponês*: um camponês não tem casa, nem dinheiro, somente seus filhos. (Luis, 8 anos)
 - *Céu*: de onde sai o dia. (Duván, 8 anos)
 - *Dinheiro*: coisa de interesse para os outros com a qual se faz amigos e, sem ela, se faz inimigos. (Ana María, 12 anos)
 - *Escuridão*: é como o frescor da noite. (Ana Cristina, 8 anos)
 - *Guerra*: gente que se mata por um pedaço de terra ou de paz. (Juan Carlos, 11 anos)
 - *Inveja*: atirar pedras nos amigos. (Alejandro, 7 anos)
 - *Mãe*: mãe entende e depois vai dormir. (Juan, 6 anos)
 - *Paz*: quando a pessoa se perdoa. (Juan Camilo, 8 anos)
 - *Solidão*: tristeza que dá na pessoa às vezes. (Iván, 10 anos)
 - *Tempo*: coisa que passa para lembrar. (Jorge, 8 anos)
 - *Universo*: casa das estrelas. (Carlos, 12 anos)

QUESTÃO

05

Por meio da generalização, pode-se atribuir um determinado conjunto de traços que não se relacionam apenas com o que está sendo nomeado.

O melhor exemplo desse procedimento de generalização está presente em:

- (A) *Branco*: o branco é uma cor que não pinta. (ℓ. 13)
- (B) *Camponês*: um camponês não tem casa, nem dinheiro, somente seus filhos. (ℓ. 14)
- (C) *Céu*: de onde sai o dia. (ℓ. 15)
- (D) *Universo*: casa das estrelas. (ℓ. 25)

Gabarito

05. B

f 34



MAS SE EU FALASSE
DE ALGO QUE VOCÊ
NÃO ENTENDE...

...SE DESENHASSE
ALGO QUE VOCÊ
NÃO CONHECE...

...VOCÊ
NÃO VERIA
NADA,



Fábio Moon e Gabriel Bá.
Folha de São Paulo, 15/06/2013.

QUESTÃO

06

As ausências da moldura e da imagem são recursos gráficos que contribuem para o sentido do texto.

A relação entre esses recursos gráficos e a mensagem contida no terceiro quadrinho possui um sentido de:

- (A) ironia
- (B) reforço
- (C) negação
- (D) contradição

QUESTÃO

07

No último quadrinho, formula-se uma analogia moral, quando se sugere que não é possível ver tudo o que acontece à frente dos olhos.

A partir dessa analogia, pode-se chegar à seguinte conclusão:

- (A) a verdade absoluta não existe
- (B) a existência não tem explicação
- (C) o homem não é o centro do mundo
- (D) o curso da vida não pode ser mudado

Gabarito

06. B

07. C

A PRESSA DE ACABAR

Evidentemente nós sofremos agora em todo o mundo de uma dolorosa moléstia: a pressa de acabar. Os nossos avós nunca tinham pressa. Ao contrário. Adiar, aumentar, era para eles a suprema delícia. Como os relógios, nesses tempos remotos, não eram maravilhas de precisão, os homens mediam os dias com todo o cuidado da atenção.

- 5 Sim! Em tudo, essa estranha pressa de acabar se ostenta como a marca do século. Não há mais livros definitivos, quadros destinados a não morrer, ideias imortais. Trabalha-se muito mais, pensa-se muito mais, ama-se mesmo muito mais, apenas sem fazer a digestão e sem ter tempo de a fazer.

- 10 Antigamente as horas eram entidades que os homens conheciam imperfeitamente. Calcular a passagem das horas era tão complicado como calcular a passagem dos dias. Inventavam-se relógios de todos os moldes e formas.

- 15 Hoje, nós somos escravos das horas, dessas senhoras inexoráveis* que não cedem nunca e cortam o dia da gente numa triste migalharia de minutos e segundos. Cada hora é para nós distinta, pessoal, característica, porque cada hora representa para nós o acúmulo de várias coisas que nós temos pressa de acabar. O relógio era um objeto de luxo. Hoje até os mendigos usam um marcador de horas, porque têm pressa, pressa de acabar.

O homem mesmo será classificado, afirmo eu já com pressa, como o *Homus cinematographicus*. Nós somos uma delirante sucessão de fitas cinematográficas. Em meia hora de sessão tem-se um espetáculo multiforme e assustador cujo título geral é: *Precisamos acabar depressa*.

- 20 O homem de agora é como a multidão: ativo e imediato. Não pensa, faz; não pergunta, obra; não reflete, julga.

- 25 O homem cinematográfico resolveu a suprema insanidade: encher o tempo, atopetar o tempo, abarrotar o tempo, paralisar o tempo para chegar antes dele. Todos os dias (dias em que ele não vê a beleza do sol ou do céu e a doçura das árvores porque não tem tempo, diariamente, nesse número de horas retalhadas em minutos e segundos que uma população de relógios marca, registra e desfia), o pobre diabo sua, labuta, desespera com os olhos fitos nesse hipotético poste de chegada que é a miragem da ilusão.

- 30 Uns acabam pensando que encheram o tempo, que o mataram de vez. Outros desesperados vão para o hospício ou para os cemitérios. A corrida continua. E o Tempo também, o Tempo insensível e incomensurável, o Tempo infinito para o qual todo o esforço é inútil, o Tempo que não acaba nunca! É satanicamente doloroso. Mas que fazer?

João do Rio

Adaptado de *Cinematógrafo: crônicas cariocas*. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

* inexoráveis – que não cedem, implacáveis

QUESTÃO

01

essa estranha pressa de acabar se ostenta como a marca do século. (ℓ. 5)

O trecho acima contém o eixo temático da crônica escrita por João do Rio em 1909.

Na construção da opinião presente nesse trecho, é possível identificar um procedimento de:

- (A) negação
- (B) dedução
- (C) gradação
- (D) generalização

Gabarito

01. D



André Dahmer
Folha de São Paulo, 13/05/2013.

QUESTÃO

05

A última fala da tirinha causa um estranhamento, porque assinala a ausência de um elemento fundamental para a instalação de um tribunal: a existência de alguém que esteja sendo acusado. Essa fala sugere o seguinte ponto de vista do autor em relação aos usuários da internet:

- (A) proferem vereditos fictícios sem que haja legitimidade do processo
- (B) configuram julgamentos vazios ainda que existam crimes comprovados
- (C) emitem juízos sobre os outros mas não se veem na posição de acusados
- (D) apressam-se em opiniões superficiais mesmo que possuam dados concretos

Gabarito

05. C

BRASIL SERÁ PAÍS DE MAIORIA IDOSA EM 2030, REVELA IBGE

Na esteira dos países desenvolvidos, o Brasil caminha para se tornar um país de população majoritariamente idosa. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o grupo de idosos de 60 anos ou mais será maior que o grupo de crianças com até 14 anos já em 2030 e, em 2055, a participação de idosos na população total será maior que a de crianças e jovens com até 29 anos.

- 5 A tendência de envelhecimento da população já foi observada no Censo de 2002 e ganhou força nos últimos dez anos. Em comparação com o último Censo, verifica-se que a participação do grupo com até 24 anos de idade cai de 47,4% em 2002 para 39,6% em 2012. Essa mudança também fica clara no aumento da idade média da população, que passou de 29,4 anos em 2002 para 33,1 anos em 2012.

- 10 Os idosos, segundo a pesquisa, são em sua maioria mulheres (55,7%) brancas (54,5%) e moradores de áreas urbanas (84,3%) e correspondem a 12,6% da população total do país, considerando a participação relativa das pessoas com 60 anos ou mais.

Os números do IBGE mostram ainda que a principal fonte de rendimento dos idosos de 60 anos ou mais foi a aposentadoria ou a pensão, equivalendo a 66,2%, e chegando a 74,7% no caso do grupo de 65 anos ou mais.

- 15 A coordenadora da pesquisa, Ana Lúcia Saboia, destaca a necessidade de atenção a essa mudança na composição da população. “Hoje em dia a população de idosos que recebe benefícios é muito expressiva, grande parte recebe contribuições de transferência de renda. Os trabalhadores (que irão se aposentar no futuro e têm carteira assinada) têm mais garantias. O sistema previdenciário tem que estar atento ao envelhecimento”, afirma.

Questão 15

Luiz Genro apresenta fatos e previsões a partir de uma pesquisa do IBGE. Essa característica contribui com o seguinte objetivo principal de seu texto:

- (A) opinar
- (B) informar
- (C) polemizar
- (D) emocionar

Questão 16

No último parágrafo, a pesquisadora Ana Lúcia Saboia chega a uma conclusão valendo-se de raciocínio indutivo.

Tal raciocínio se estrutura com o seguinte recurso:

- (A) opiniões refutadas
- (B) argumentos falaciosos
- (C) proposições implícitas
- (D) observações particulares

Gabarito

15. B

16. D

ESPELHO, ESPELHO
MEU, EXISTE ALGUÉM
MAIS INVISÍVEL
DO QUE
EU?!



crjvitoria.blogspot.com.br, agosto/2011.

QUESTÃO
13

Na charge, o personagem formula uma pergunta cuja resposta está sugerida pela imagem refletida no espelho.

A partir dos elementos contidos na imagem, trata-se de uma resposta que expressa o seguinte posicionamento:

- (A) recusa de uma denúncia
- (B) refutação de uma avaliação
- (C) silenciamento de uma crítica
- (D) confirmação de uma hipótese

Gabarito

13. D

COM O OUTRO NO CORPO, O ESPELHO PARTIDO

O que acontece com o sentimento de identidade de uma pessoa que se depara, diante do espelho, com um rosto que não é seu? Como é possível manter a convicção razoavelmente estável que nos acompanha pela vida, a respeito do nosso ser, no caso de sofrermos uma alteração radical em nossa imagem? Perguntas como essas provocaram intenso debate a respeito da ética médica depois do transplante de parte da face em uma mulher que teve o rosto desfigurado por seu cachorro em Amiens, na França.

5 Nosso sentimento de permanência e unidade se estabelece diante do espelho, a despeito de todas as mudanças que o corpo sofre ao longo da vida. A criança humana, em um determinado estágio de maturação, identifica-se com sua imagem no espelho. Nesse caso, um transplante (ainda que parcial) que altera tanto os traços fenotípicos quanto as marcas da história de vida inscritas na face destruiria para sempre o sentimento de identidade do transplantado? Talvez não. Ocorre que o poder do espelho – esse de vidro e aço pendurado na parede – não é tão absoluto: o espelho que importa, para o humano, é o olhar de um outro humano. A cultura contemporânea do narcisismo*, ao remeter as pessoas a buscar continuamente o testemunho do espelho, não considera que o espelho do humano é, antes de mais nada, o olhar do semelhante.

10 É o reconhecimento do outro que nos confirma que existimos e que somos (mais ou menos) os mesmos ao longo da vida, na medida em que as pessoas próximas continuam a nos devolver nossa “identidade”. O rosto é a sede do olhar que reconhece e que também busca reconhecimento. É que o rosto não se reduz à dimensão da imagem: ele é a própria presentificação de um ser humano, em sua singularidade irrecusável. Além disso, dentre todas as partes do corpo, o rosto é a que faz apelo ao outro. A parte que se comunica, expressa amor ou ódio e, sobretudo, demanda amor.

15 A literatura pode nos ajudar a amenizar o drama da paciente francesa. O personagem Robinson Crusoe do livro *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*, de Michel Tournier, perde a noção de sua identidade e enlouquece, na falta do olhar de um semelhante que lhe confirme que ele é um ser humano. No início do romance, o naufrago solitário tenta fazer da natureza seu espelho. Faz do estranho, familiar, trabalhando para “civilizar” a ilha e representando diante de si mesmo o papel de senhor sem escravos, mestre sem discípulos. Mas depois de algum tempo o isolamento degrada sua humanidade.

20 A paciente francesa, que agradeceu aos médicos a recomposição de uma face humana, ainda que não seja a “sua”, vai agora depender de um esforço de tolerância e generosidade por parte dos que lhe são próximos. Parentes e amigos terão de superar o desconforto de olhar para ela e não encontrar a mesma de antes. Diante de um rosto outro, deverão ainda assim confirmar que ela continua sendo ela. E amar a mulher estranha a si mesma que renasceu daquela operação.

MARIA RITA KEHL

Adaptado de folha.uol.com.br, 11/12/2005.

*narcisismo – amor do indivíduo por sua própria imagem

QUESTÃO

14

Ocorre que o poder do espelho – esse de vidro e aço pendurado na parede (l. 12)

O fragmento introduzido pelo travessão especifica o sentido de **espelho**.

Além da função de especificar o sentido de uma palavra, esse fragmento também cumpre, no parágrafo, o papel de:

- (A) antecipar emprego diferenciado do termo
- (B) limitar usos atuais do discurso da ciência
- (C) contradizer antiga expectativa do leitor
- (D) indicar opinião implícita da autora

QUESTÃO

17

A literatura pode nos ajudar a amenizar o drama da paciente francesa. (l. 22)

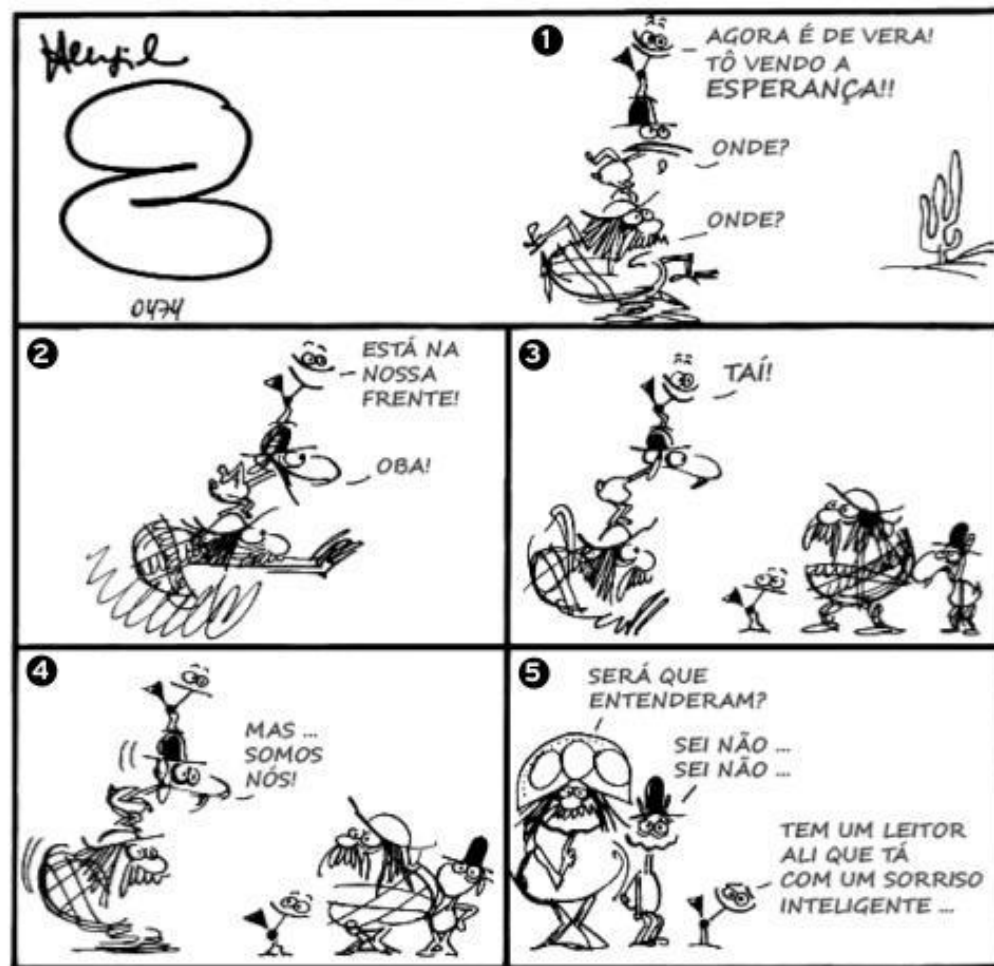
No penúltimo parágrafo, a história do personagem citado pela autora reforça a seguinte tese central do texto:

- (A) interferência do progresso sobre as ações individuais
- (B) imposição da imaginação sobre os fatos objetivos
- (C) insuficiência da civilização para o bem-estar geral
- (D) importância do contato para a condição humana

Gabarito

14. A

17. D



Adaptado de br.pinterest.com.

A sequência das falas indica uma compreensão do que seja esperança.

O recurso não verbal que reforça essa compreensão é:

- (A) exposição da paisagem no primeiro quadrinho
- (B) representação do movimento no segundo quadrinho
- (C) duplicação dos personagens no quarto quadrinho
- (D) ausência do leitor no quinto quadrinho

Gabarito

12. C

QUEM TEM O DIREITO DE FALAR?

A política não é uma questão apenas de circulação de bens e riquezas. Na verdade, a política é também uma questão de circulação de afetos, da maneira como eles irão criar vínculos sociais, afetando os que fazem parte desses vínculos.

5 A maneira como somos afetados define o que somos e o que não somos capazes de ver, sentir e perceber. Definido o que vejo, sinto e percebo, definem-se o campo das minhas ações, a maneira como julgarei, o que faz parte e o que está excluído do meu mundo.

10 Percebam, por exemplo, como um dos maiores feitos políticos de 2015 foi a circulação de uma mera foto, a foto do menino sírio morto em um naufrágio no Mar Mediterrâneo. Nesse sentido, foi muito interessante pesquisar as reações de certos europeus que invadiram sites de notícias de seu continente com posts e comentários. Uma quantidade impressionante deles reclamava daqueles jornais que decidiram publicar a foto. Eles diziam basicamente a mesma coisa: “parem de nos mostrar o que não queremos ver”.

15 Toda verdadeira luta política é baseada em uma mudança nos circuitos dominantes de afetos. Prova disso foi o fato de tal foto produzir o que vários discursos até então não haviam conseguido: a suspensão temporária da política criminoso de indiferença em relação à sorte dos refugiados.

De fato, sabemos que faz parte das dinâmicas do poder decidir qual sofrimento é visível e qual é invisível. Mas, para tanto, devemos antes decidir sobre quem fala e quem não fala.

20 Há várias maneiras de silêncio. A mais comum é simplesmente calar quem não tem direito à voz. Isso é o que nos lembram todos aqueles que se engajaram na luta por grupos sociais vulneráveis e objetos de violência contínua (negros, homossexuais, mulheres, travestis, palestinos, entre tantos outros).

25 Mas há ainda outra forma de silêncio. Ela consiste em limitar a fala. A princípio, isso pode parecer um ato de dar voz aos excluídos e subalternos, fazendo com que negros falem sobre os problemas dos negros, mulheres falem sobre os problemas das mulheres, e por aí vai. No entanto, essa é apenas uma forma astuta de silêncio, e deveríamos estar mais atentos a tal estratégia de silenciamento identitário. Ao final, ela quer nos levar a acreditar que negros devem apenas falar dos problemas dos negros, que mulheres devem apenas falar dos problemas das mulheres.

30 Posso dar visibilidade a sofrimentos que antes não circulavam, mas, quando aceito limitar minha fala pela identidade que supostamente represento, não mudarei a forma de circulação de afetos, pois não conseguirei implicar quem não partilha minha identidade na narrativa do meu sofrimento.

Ser um sujeito político é conseguir enunciar proposições que podem implicar qualquer um, ou seja, que se dirigem a essa dimensão do “qualquer um” que faz parte de cada um de nós. É quando nos colocamos na posição de qualquer um que temos mais força de desestabilização. O verdadeiro medo do poder é que você se coloque na posição de qualquer um.

VLADIMIR SAFATLE

Adaptado de *Folha de S. Paulo*, 25/09/2015.

QUESTÃO

13

A tragédia com o menino sírio no Mar Mediterrâneo foi divulgada pela imprensa, assim como as reações de leitores sobre a notícia.

De acordo com o texto, as reações contrárias à divulgação da foto do menino sírio representam uma postura de:

- (A) retaliação
- (B) desrespeito
- (C) insensibilidade
- (D) sentimentalismo

QUESTÃO

14

No segundo parágrafo, observa-se a alternância no emprego da primeira pessoa do plural com a do singular.

O emprego da primeira pessoa do singular estabelece o efeito de:

- (A) revelar uma culpa
- (B) antecipar um preconceito
- (C) interpelar uma individualidade
- (D) reafirmar um posicionamento

QUESTÃO

15

Ao abordar estratégias de silenciamento, o autor considera que uma delas seria mais astuta.

Em relação às falas silenciadas, essa estratégia consiste em:

- (A) associar carências a classes sociais
- (B) lamentar cotidiano de violência urbana
- (C) restringir contestação a temas específicos
- (D) denunciar exploração de pessoas refugiadas

QUESTÃO

16

essa dimensão do “qualquer um” que faz parte de cada um de nós. (l. 32)

No parágrafo final, o uso da expressão indefinida destaca a seguinte tese presente na argumentação do autor:

- (A) crítica à polêmica entre concepções políticas
- (B) recusa às interpretações dos veículos de mídia
- (C) defesa da importância dos movimentos migratórios
- (D) questionamento das fronteiras entre segmentos da população

Gabarito

13. C

14. D

15. C

16. D